

HISTÓRIAS DA REPRESSÃO: A NAÇÃO ARGENTINA “IMAGINADA” E A MULHER EM *EL FIN DE LA HISTORIA*

Profa. Dra. Iara de Oliveira¹ (UNIVALI)

RESUMO:

*O artigo apresenta uma leitura do romance **El fin de la historia**, de Liliana Heker, na qual se identifica como pano de fundo e cenário o contexto da última ditadura militar ocorrida na Argentina. A análise aqui exposta, pautando-se em pensadores como Michel Foucault, principalmente suas idéias acerca da vigilância dos corpos; Benedict Anderson com sua “nação imaginada” e os estudos de gênero, busca mostrar como a literatura contribui para (re)construir um passado recente ainda tão obscuro e cheio de interditos. Além disso, evidencia-se neste texto, que este romance, narrado sob um olhar densamente feminino, (re)faz, através da mescla entre memória e ficção, os bastidores de um processo repressivo ditatorial que esfacelou a identidade do sujeito social.*

PALAVRAS-CHAVE: nação; memórias; repressão; romance

1. O fim da história desde o começo

Ambientado na década de setenta, o livro de Liliana Heker, *El fin de la historia*, conta a história de Diana Glass, uma intelectual que quer escrever um livro sobre uma grande amiga, a qual chamará, ficcionalmente, de Leonora. Para tal feito, recolhe fragmentos de sua memória na tentativa de compor aquilo que ela mesma diz ser “o resgate da época em que tínhamos a revolução em nossas mãos” e, ao mesmo tempo, uma homenagem a amiga que morreu, pelo mesmo era o que pensava Diana, defendendo aquilo em que desde a adolescência acreditou. Em meio a este processo memorialístico de Diana, Leonora, militante do grupo dos Montoneros, é presa, torturada e acaba se tornando uma aliada dos militares, procurando desbaratar a organização para a qual trabalhou por tanto tempo. Diana não consegue encontrar um começo para sua história porque, também, não sabe que fim lhe dará. E fica ainda mais confusa quando descobre, ao encontrar por acaso Leonora na rua, que a amiga vive agora fora do país, tem um filho adotivo e não demonstrar ser a mesma Leonora que, anos antes, defendia com a própria vida uma pátria mais justa e livre. A protagonista percebe, desapontada, que sua história, sem começo ou fim, está fadada à não-escritura porque, segundo a própria Diana, a história que queria contar termina e sempre terminou no primeiro capítulo.

O romance revela as duas faces dessa Argentina contemporânea em regime ditatorial: de um lado o processo militar coibidor que não mede esforços e recursos para criar uma única verdade sobre a nação, uma única “cara” nacional, e, de outro, a busca incessante de uma heroína problemática, nos valendo da terminologia de Georg Lukács, por si mesma, por seus ideais, por sua

¹ Iara de OLIVEIRA, Professora Doutora em Literatura.

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Centro de Ciências Humanas (CCH). Curso de Letras.

iaraoliveira@univali.br

identidade, por seu lugar em um país que já não parece mais ser a **sua pátria**. Busca que não chega ao fim, que não traz as respostas que a protagonista precisa.

Além de apresentar duas seqüências de episódios, uma envolvendo Diana e a outra envolvendo Leonora, a trama está repleta de vozes, de histórias que se cruzam para mostrar um período multifacetado e caleidoscópico. A própria autora revela, ao falar de seu livro, que através de vários tons, vozes e tempos consegue, por meio do contato entre eles, ressignificá-los para criar algo que fica entre a ficção e o documentário.

Em seu depoimento sobre a composição de **El fin de la historia**, Liliana Heker afirma que:

[...]não tinha nenhuma garantia de que isso que estava fazendo fosse realmente um romance; nenhuma certeza de estar tecendo uma história – ou mais de uma história – que alguém pudesse, e quisesse, ler do princípio ao fim. Não era essa, entretanto, a dificuldade maior. Acontece que antes da morte como política oficial, diante do crime e da tortura existe uma só resposta possível: a oposição absoluta e sem atenuantes. Mas as respostas consensuais não necessitam da literatura. Nem a literatura necessita delas; ao contrário procurará comprovar que, baseadas no horror, constituindo-o, há histórias privadas repugnantes, mas ao mesmo tempo tão escorregadias das quais apenas nos acercamos, que parecem dar volta, gerar suas próprias defesas, desfigurar sua verdadeira face [...]. Procurei apagar os limites entre o documento e a ficção; busquei que o texto fosse, antes de tudo, um ato literário, com tudo o que isso implica de sinuoso e de ambíguo (HEKER, on-line²).

Assim, ao revelar-nos um tempo de horrores coletivos e privados, a autora nos permite buscar, em sua obra, a representação de uma nação **imaginada** por cada personagem e o lugar que este ocupa nessa representação. Da mesma forma, podemos avaliar como à medida que aumentam os esforços governamentais para unificar a nação, mais fragmentados se tornam os sujeitos **individuais**.

2. A nação imaginada e os corpos dóceis

“¿Qué país quieren ustedes?” Esta pergunta feita por um dos torturadores à Leonora, em um dos episódios do livro, nos permite pensar que a visão que cada um dos dois (torturador e torturada) tem de país parece não apenas ser diferente, mas ao mesmo tempo incompreensível e inaceitável para o outro. Que país vocês querem? Reflete, sobretudo, a forma com que cada um dos lados expostos no romance, concebe a nação e a maneira como deve estar organizada.

Tal indagação evidencia a nação como um discurso e, dessa forma, como algo imaginado. Assim, estamos novamente diante daquilo que Benedict Anderson chama de “nação imaginada”. Segundo o autor, a nação:

É imaginada [a nação] porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão. [...] De fato todas as comunidades maiores do que as primitivas aldeias de contato face a face (e talvez, até mesmo estas) são imaginadas. As comunidades não devem ser distinguidas por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas (ANDERSON, 1989, p. 14-15)

Dessa forma, podemos pensar que “a diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas” (HALL, 2000, p. 51). E, aprofundando a afirmação de Stuart Hall,

² Depoimento de Liliana Heker sobre a construção de **El fin de la historia**, disponível em www.literatura.org/lilianaheker

pensar que pode haver diferentes formas de imaginar uma mesma nação (grupos com ideologias divergentes, por exemplo).

Por esse viés, podemos encontrar, no texto de Liliana Heker, duas formas de “imaginar” a nação argentina. A primeira, derivada de uma esquerda militante, representada pelos Montoneros, afirma lutar por um mundo melhor, por uma nação livre, soberana e independente economicamente e responde a pergunta formulada, no início deste item, da seguinte maneira:

No queremos el comunismo.

No había mentido, sólo había empezado a organizar su discurso. [...], la prisionera habló con elocuencia de soberanía y del ser nacional, y acotó que lo lamentable de este gobierno - lo único lamentable, dejó caer como por casualidad - era su ministro de Economía: vendido al oro yanqui; de tal modo que al de enfrente no le había quedado otra alternativa que coincidir con esta opinión, aunque plantando atenuantes (HEKER, 1996, p. 69)³.

Na resposta de Leonora, a soberania e o ser nacional estão organizados em um discurso de nação, a **nação imaginada**. Igualmente, seu marido Fernando dirá a sua filha: “No hay ángel de la guarda, decía su papá, sólo los hombres y las mujeres y los chicos. Por eso tenemos que luchar nosotros para conseguir un mundo mejor para toda la gente acá sobre la tierra” (HEKER, 1996, p. 147). Surge no discurso de Fernando a ênfase pela luta que permitirá por em prática o **país que querem** os Montoneros, um país soberano, fraterno e com limites claros. Ou seja, um país que ainda está por construir-se, uma nação cujas bases estão no futuro.

A segunda forma, oriunda dos governantes militares, vê a nação argentina como um todo organizado, completo, manchado unicamente pelas facções de esquerda que querem unicamente **indisciplinar e desorganizar** o país. Prova desta visão está na fala de Escualo:

*- La verdad es una sola, lo que pasa es que algunos - llena otra vez su vaso -. Algunos ni se dan cuenta que **están equivocados**, eso se lo admito. Pendejos que **no saben ni cantar el Himno completo** y que miran a uno como si no pudiera creer lo [...]. Hay que limpiarlos lo mismo, **hay que sacar toda la basura que se juntó en la Argentina** y lo más pronto posible, para que vuelva a ser lo que era (HEKER, 1996, p. 119 - Grifo nosso)⁴.*

O discurso de Escualo está profundamente enraizado na forma como o Exército concebeu, durante todo o regime, a idéia de nacionalismo:

La Nación que es la Patria vista en la continuidad de las generaciones solidarias en una responsabilidad común, viene después de Dios en la jerarquía de los valores y en el amor de los hombres arraigados en una misma tierra histórica. Cuando la Nación está en peligro de sucumbir, cuando la Nación está enferma, declinante, sometida o entregada, la reacción nacionalista surge casi como cosa natural en forma perentoria. Su finalidad debe ser restablecer a la Nación reafirmando en los principios que le dieron el ser; recuperar el Señorío sobre todo lo propio e devolverla al imperio de la virtud, del bienestar y de la grandeza (VÁZQUEZ, 1985, p. 84)⁵.

³ Não queremos o comunismo. / Não havia mentido, só havia começado a organizar seu discurso. [...], a prisioneira falou com eloquência de soberania e do ser nacional, e afirmou que o lamentável deste governo – a única coisa lamentável, deixou escapar como por acaso - era seu ministro da Economia: vendido ao ouro ianque; de tal modo que ao da frente não havia outra alternativa que concordar com esta opinião, ainda que tivesse alguns atenuantes (HEKER, 1996, p. 69).

⁴ - A verdade é apenas uma, o que acontece é que alguns – enche outra vez o copo -. Alguns não se dão conta de que **estão errados**, isso eu admito. Idiotas que **não sabem sequer cantar o Hino completo** e que nos olham como se não acreditassem [...]. É preciso limpar-los de qualquer forma, **temos que tirar todo o lixo que se acumulou na Argentina** e o mais rápido possível, para que volte a ser o que era (HEKER, 1996, p. 119 - Grifo nosso).

⁵ A Nação que é a Pátria vista na continuidade das gerações solidárias numa responsabilidade comum, vem depois de Deus na hierarquia dos valores e no amor dos homens arraigados numa mesma terra histórica. / Quando a Nação está em

A visão de nação se configura em um resgate do que era, suas bases estão, portanto, plantadas no passado, de onde precisam ser resgatadas.

Comparando a visão dos Montoneros e a visão dos militares, podemos verificar que buscando um **mundo melhor** ou buscando fazer da Argentina **o que era antes**, ambos os lados organizam a seu modo a idéia de soberania e comunidade que compõem aspectos da consciência de nação, como afirma Anderson.

Essa consciência de nação que tem o governo militar ditatorial argentino, é imposta através de métodos que se apropriam, violentam e adestram os **corpos-cidadãos-subversivos**:

[...] Con el pretexto de la existencia de un enemigo, e identificando a ese enemigo con toda forma de descontentamento, se considera en guerra. Recurre a todos los medios represivos, incluso a la creación de estructuras clandestinas en sus fuerzas armadas y de seguridad, tales como los grupos de tareas[...] (VÁZQUEZ, 1985, p.53)⁶.

Através da violência os militares procuraram manter a “ordem nacional”. Tal metodologia nos remete aos textos de Michel Foucault, nos quais afirma que, por meio do adestramento dos corpos, era possível manter a soberania, limite e fraternidade da nação, visando, assim, aos interesses do poder vigente.

Em seu livro, *Vigiar e punir*, Foucault destaca o surgimento de um novo tipo de poder que ele vai chamar de “poder disciplinar”. Tal poder preocupa-se em regular o indivíduo e a vigilância passa a ser o governo da espécie humana. O autor afirma que:

Forma-se então uma política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria do poder que o esquadriinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (FOUCAULT, 2001, p. 119).

Essa forma de poder fica bastante evidenciada pelo uso da tortura que, ferindo o corpo, torna-o mais dócil e pronto para dar todas as respostas, obedecer a todos os comandos. Vemos, dessa forma, que no caso retratado por **El fin de la historia**, os dois lados, imaginando a nação a sua maneira, vêem o seu **rival** como uma **peste** que precisa ser eliminada, uma vez que ela perturba a **disciplina** desse **corpo nacional**. Como são os militares que ocupam o governo, serão eles os que tentarão manter a hegemonia nacional a qualquer preço, tal como se evidencia no discurso de Escualo: “*Es como una enfermedad grave, hay que operar, con o sin anestesia, para salvar el organismo. Eso es lo que no entienden los de ahí afuera. Y cuando los traen es peor*” (HEKER, 1996, p. 119)⁷. Para tornar o indivíduo um **corpo dócil** e participante da idéia que o governo militar tem de nação é necessário torturá-lo e, caso não se adestre, matá-lo. Tal situação é retratada com bastante ênfase no livro de Liliana Heker. Vejamos um exemplo dos muitos que aparecem na narrativa:

perigo de sucumbir, quando a Nação está doente, declinando, submetida ou entregue, a reação nacionalista surge quase como algo natural. Sua finalidade deve ser restabelecer a Nação, reafirmando-a nos princípios que a constituíram; recuperar o domínio sobre tudo e devolvê-la ao império da virtude, do bem-estar e da grandeza (VÁZQUEZ, 1985, p. 84).

⁶ [...] Com o pretexto da existência de um inimigo, e identificando esse inimigo com toda forma de descontentamento, se considera em guerra. Recorre a todos os meios repressivos, inclusive a criação de estruturas clandestinas nas suas forças armadas e de segurança, tais como os grupos de tarefas[...] (VÁZQUEZ, 1985, p.53).

⁷ É como uma doença grave, tem que operar, com ou sem anestesia, para salvar o organismo. Isso é o que não entendem os de fora. E quando os trazem é pior(HEKER, 1996, p. 119).

-Mejor habló cuanto antes, no dejés que te destruyan. A mí al principio me hicieron pedazos, ¿y para qué sirvió? Unos dientes menos, eso es todo lo que me queda de tanto heroísmo. Un día no aguanté más y canté todo lo que sabía[...] Los que tengan que caer porque si no cantás vos va a cantar otro, ésa es toda la filosofía (HEKER, 1996, p. 57)⁸.

Tais fragmentos revelam que “os militares e com eles os técnicos da disciplina elaboravam processos para a coerção individual e coletiva dos corpos” (FOUCAULT, 2001, p. 142). Além das torturas físicas, os prisioneiros passam pelas torturas psicológicas que, pouco a pouco, os vão **adestrando** e fazendo-os tomar parte na engrenagem estatal.

É exatamente esse processo que ocorrerá com Leonora. Ela será mais um **corpo** que, sob a disciplina e aquilo que Foucault chamará de “bom adestramento”, passará a compor a mecânica do poder militar e ajudará a adestrar outros corpos, acomodando-se a visão de nação una, centralizada e soberana, que tem o Exército Argentino.

Apesar, porém, desta prática violenta, unificante e coletivizadora, os militares não parecem se dar conta de que, em meio a todo esse processo **aglutinador**, ocorre um fenômeno oposto: a construção de um sujeito moderno enquanto **indivíduo**.

Stuart Hall (2000, p. 43) afirma que:

O que é particularmente interessante, do ponto de vista da história do sujeito moderno, é que, embora o poder disciplinar de Foucault seja produto de novas instituições coletivas e de grande escala da modernidade tardia, suas técnicas envolvem uma aplicação do poder e do saber que “individualiza” ainda mais o sujeito[...].

Em síntese, quanto mais o organismo nacional trabalha para unificar a idéia de nação, quanto mais “adestra” os corpos para a formação de uma identidade nacional una, mais o sujeito se individualiza, desloca-se e fragmenta sua identidade individual.

3. A fragmentação do sujeito: por que só as mulheres?

Resgatando as idéias de Benedict Anderson, agora pela ótica de Mary Louise Pratt, em seu ensaio “Mulher, Literatura e Irmandade Nacional” (1994), percebemos que dentro da construção do conceito de nação imaginada, as características fundamentais de sua estruturação: fronteira, soberania e fraternidade são “metonimicamente incorporadas na figura limitada, soberana e fraterna do cidadão-soldado” (PRATT, 1994, p. 130). Assim, podemos perceber que a mulher não é incluída nessa “irmandade horizontal”, para ela cabe apenas o papel de “reprodutora de soldados”, “gentilmente” oferecido pela república burguesa, como afirmam Landis e outros críticos.

Além dessa exclusão, as mulheres são vistas, no texto de Anderson, “em permanente instabilidade em relação à comunidade imaginada”(PRATT, 1994, p. 130). Mary Pratt dirá, porém, que é justamente essa instabilidade que caracterizará a nação moderna:

A instabilidade sempre aliada à questão da mulher pode ser uma das características que mais distinguem a nação moderna de outras formas de comunidade humana. Contudo, ao dizer que na nação a mulher está situada numa instabilidade permanente, afirma-se que a nação existe em permanente instabilidade (PRATT, 1994, p. 132).

⁸ -Melhor falar o quanto antes, não deixes que te destruam. No início me fizeram em pedaços. E para que serviu tudo isso? Uns dentes a menos, isso é tudo o que me resta de tanto heroísmo. Um dia não agüentei mais e “cantei” tudo o que sabia[...]. Os que tenham que cair, porque si não cantas outro vai cantar, essa é toda a filosofia (HEKER, 1996, p. 57).

Podemos perceber claramente essa idéia no romance. Os homens que mais atuam na trama: Halcón, Escualo e Fernando apresentam e representam a fronteira, a soberania e a fraternidade dessa nação imaginada. Eles são os cidadãos-soldados de que fala Anderson e, acima de tudo, estão dispostos à **matar** e, principalmente, **morrer** pela pátria.

Observamos isso, no discurso de Leonora ao falar da morte do marido, Fernando: “- *Al fin y al cabo murió en su ley - me dirá - acribillado por las balas de la pelea y confiando plenamente en el triunfo de la revolución*” (HEKER, 1996, p. 155)⁹.

Essa pequena passagem revela o quanto Leonora está alheia ao processo, ou melhor, ao direito de morrer pela pátria que se imagina. A lei de Fernando não é a lei de Leonora que já está convencida de que a revolução não triunfará, trabalhando inclusive para que ela não aconteça.

Leonora é a mulher que, ingressando no mundo militante, deixa-se pouco a pouco dominar por este discurso ideológico masculino de nação, que exclui a mulher, e vai se transformando na **produtora de cidadãos**. Tanto que, terminada sua participação como Agente do PRN, vai morar num outro país, casa-se e tem filhos. Sua idéia de nação é instável e se reflete na rápida passagem de Montonera para agente a serviço dos militares.

Diana, ao contrário, é a mulher que faz o processo inverso. Sai da condição de cidadã dependente e vai, pouco a pouco, tornando-se um ser instável, representante máximo da instabilidade da nação. Diana não apenas é um símbolo da nação Argentina, como também é um agente que revela novas nuances da consciência nacional.

Há uma outra personagem, ainda, que não podemos deixar de observar: Hertha Bechofen. Hertha é uma senhora vienense, descrita como alguém que “*Piensa-tan-bien-como-un-hombre*” e que busca, incessantemente, histórias interessantes para compor seus romances. Caracterizada, como dito anteriormente, como alguém que pensa tão bem quanto um homem, Hertha ultrapassa esses **homens que pensam bem** porque, assim como Diana, quer escrever. No caso de Diana, são seus textos, originados das experiências vividas e armazenados em um caderno de folhas amarelas, que expõem, liberam sua consciência enquanto ser nacional e a fazem posicionar-se diante da idéia de pátria que os militares querem impor. Esses mesmos textos, reunidos em um livro para compor a história de toda uma geração, permitem que Diana se insira na cultura impressa.

Enfocando a questão da imprensa, Mary Pratt afirma, baseando-se uma vez mais em Anderson, que a comunidade imaginada da moderna nação-estado foi produzida a partir de domínios originalmente masculinos, como o serviço militar e as eleições, e além destes, a cultura impressa, da qual as mulheres fizeram e fazem parte. É nesse espaço que Diana e Hertha procuram inserir-se através dos livros que querem escrever. Já os homens que figuram no romance não se preocupam com a escritura, muito pelo contrário, os militares tratam de recolher todos os livros que encontram e confiná-los em salas fechadas, na Escola da Marinha, para depois queimá-los. Como “soldados” disseminam a consciência nacional por meio da disciplina e da força, não através dos livros.

Retomando a figura de Hertha, percebemos que essa mulher aparentemente alheia ao processo político-social conflitivo da Argentina, haja vista que, na maioria das vezes, está na cozinha preparando algum prato exótico, na verdade, vê claramente os limites, a soberania e a **fraternidade** dessa nação imposta pelo **horror** militar. Hertha representa o olhar externo, seu olhar é o de um estrangeiro, é o olhar de um processo de estranhamento, não é cidadã vienense e também não é uma cidadã argentina. Sua atuação na trama, observando, ouvindo e falando pouco, revela uma posição de **borda**, ela está em um **entre-lugar**, fazendo uso do termo de Silviano Santiago, ela tem as duas visões, a de dentro e a de fora, mas se coloca a margem delas para criar uma outra visão, síntese das duas anteriores, mais crítica e mais contundente.

⁹ Ao fim e ao cabo morreu na sua lei – me dirá – crivado pelas balas da luta e confiando plenamente no triunfo da revolução.

São, portanto, as mulheres, no romance de Liliana Heker, principalmente Diana e Hertha, que revelam a fragmentação do sujeito pós-moderno. São elas que expõem os conflitos gerados pela tentativa de centralização de uma identidade nacional, imposta pelo poder militar e a descentralização dessa mesma identidade sob o ponto de vista do indivíduo. É através delas que se retrata o esfacelamento, a fragmentação dessa identidade que já não encontra no passado ou nas instituições sociais a base para sua reconstrução. Cada uma delas vai representar um novo centro de identidade, plural, deslocado e em contínua transformação.

Por sua vez, os homens que aparecem no texto não questionam os motivos que os levam, como cidadãos-soldados, a matar ou morrer pela **nação** que imaginam. Eles são os soldados do texto de Foucault que, transformados na máquina que a nação-estado precisa, assumem sua **honrosa** missão sem argumentar. Em **El fin de la historia**, Escualo representa muito bem esse pensamento:

*El Escualo no experimenta placer cuando tortura: experimenta orgullo. Tiene una misión que cumplir y la cumple. Cada vez que hace hablar a un interrogado avanza un paso en su cometido de sanear la Argentina de perros marxistas extranjerizantes. Comedido que requiere **nuestro sacrificio** (dijo un día en que el whisky lo había puesto más locuaz que de costumbre), [...]. Otros tiempos, otros procedimientos, **pero el mismo espíritu de servicio a la Patria. Los hombres como Escualo son más útiles, porque cumplen al pie de la letra toda orden encomendada** (HEKER, 1996, p. 116 - Grifo nosso)¹⁰.*

Os homens falam de seu sacrifício e sua utilidade, como bons soldados, para a nação. As mulheres, porém, são deixadas à margem, atuantes apenas na cultura impressa. São elas que mostram a nação em toda a sua intensidade, no que possui de mais sublime, de mais grotesco e de mais instável. Será através delas, da história que procuram escrever, que veremos o embate entre o governo hegemônico e o indivíduo fragmentado que elas representam em toda a sua intensidade.

4. Diana: “hecha para beberse la vida hasta el fondo de la copa”

Embora a afirmação que intitula essa seção tenha sido escrita por Diana para caracterizar a amiga Leonora, frase que praticamente abre o romance, será Diana que revelará a intensidade de toda a trama e mostrará que, na verdade, é ela a mulher feita para viver em profundidade.

Seu principal dilema está na tentativa de escrever um livro que resgate os ideais da adolescência, os quais partilhava com a amiga, Leonora, e ao mesmo tempo prestar uma homenagem para esta que, supostamente, morreu por tais ideais. A história, porém, não consegue sair do primeiro capítulo, não consegue definir um eixo condutor e que desfecho terá.

O conflito, imposto pela dificuldade da escritura, faz com que Diana vá, constantemente, buscar em suas memórias elementos que revelem a total intensidade dessa personagem que faz parte da história mesma de Diana. A necessidade de utilizar a memória, reflete a necessidade de reconstruir, de recriar, de buscar na **Tradição**¹¹, uma pureza anterior e redescobrir uma unidade que Diana sente como perdida.

¹⁰ O Escualo não sente prazer quando tortura: experimenta orgulho. Tem uma missão a cumprir e a cumpre. Cada vez que faz falar a um interrogado avança um passo em seu intento de sanear a Argentina dos cachorros marxistas estrangeirizantes. Intento que requer **nosso sacrificio** (disse um dia em que o whisky o havia deixado mais eloquente que de costume), [...]. Outros tempos, outros procedimentos, **mas o mesmo espírito de serviço à Pátria. Os homens como Escualo são mais úteis, porque cumprem ao pé da letra toda a ordem dada** (HEKER, 1996, p. 116 - Grifo nosso).

¹¹ O termo aparece no livro de Stuart Hall e significa uma volta às origens ou ao passado na tentativa de recuperar a pureza anterior e as certezas nacionais que vão sendo sentidas como perdidas.

Em **Memória e Sociedade**, Ecléa Bosi (1983, p. 17) afirma que:

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

Essas imagens reconstruídas, somadas ao forte desejo que tem Diana de regatar desse passado a figura de Leonora, faz com que, acrescentando à imagem reconstruída a imagem que “quer ter” da amiga, passe a delinear uma Leonora que só existe na memória da protagonista, nessas lembranças construídas com materiais que compõem sua consciência atual.

Através da (re)construção do passado virá a imagem da amiga que, segundo a visão polissêmica de Diana, já mostrava aos quinze anos sua tendência à militância política:

[...] yo no tenía fe en que mis palabras pudieran cambiar una sola de esas cabezas que apuntaban hacia mí con diatante curiosidad. O sea que mi futuro en la política era dudoso. En cambio Leonora... Ese septiembre se nos reveló una Pasionaria de guardapolvo blanco. Hablaba y la Argentina era una rosa ardiente que clamaba justicia (HEKER, 1996, p. 19)¹².

A constituição de Leonora, feita, como já mencionamos, de fragmentos de lembranças dos tempos colegiais, de cenas de encontros furtivos e breves, onde trocavam poucas palavras, revelam uma idealização dessa mulher. Aos poucos, porém, a memória de Diana a trai e vai nos dando pistas de que a Leonora de papel e resgatada de um tempo longínquo, não era mais que uma porta-voz, uma representante das idéias da própria Diana:

Oponerse a un desígnio gubernamental era enfrentar a su padre. Pero eso lo sabía sólo yo. Las demás veían lo que veían: una alta adolescente con cara de gitana. Y tal vez creían menos en sus palabras - palabras adquiridas que sabía hacer suyas sin esfuerzo - que en la voz categórica y vibrante que las pronunciaba (HEKER, 1996, p. 20)¹³.

Leonora não vê na militância mais do que um modo de contrariar a autoridade do pai e sua real virtude está em apropriar-se do discurso alheio para fazê-lo seu. Diana, no entanto, interpreta tais momentos como manifestações claras do engajamento político-social da amiga.

O que Diana não percebe é que essa Leonora, construída através dessas lembranças fragmentadas, vai se distanciando cada vez mais da mulher real. Para a protagonista, **sua** Leonora é a figura feminina que, finalmente, se insere na **irmandade horizontal**, da qual fala Anderson, recebendo, através de Diana, o direito de **morrer** pela nação imaginada.

Quando ao final do romance, Diana reencontra Leonora e percebe que esta não é a mulher que a levou a escrever o livro, descobre, então, que esta nunca existiu (já que até o nome da personagem é fictício), que não pertenceu a irmandade horizontal, que não foi, é ou será um símbolo nacional nem a protagonista do drama político. Mas, ao mesmo tempo em que a realidade cai como um raio sobre sua cabeça, descobre que sua história está intimamente atrelada a história de Leonora e a história da Argentina.

¹² [...] eu não tinha fé que minhas palavras pudessem mudar uma única dessas cabeças que apontavam para mim com tamanha curiosidade. Ou seja que meu futuro na política era duvidoso. Já com Leonora... Naquele setembro se revelou uma afionada de guarda-pó branco. Falava e a Argentina era uma rosa ardente que clamava justiça (HEKER, 1996, p. 19).

¹³ Opor-se a um desígnio governamental era enfrentar seu pai. Mas isso só eu sabia. As outras viam o que viam: uma adolescente alta com rosto de cigana. E talvez acreditassem menos em suas palavras – palavras adquiridas que sabia tornar suas sem esforço – que na voz categórica e vibrante as pronunciava (HEKER, 1996, p. 20).

Todo esse processo pelo qual Diana passa está representado pela idéia da miopia. A protagonista, desde a muito tempo míope, se recusava terminantemente a usar óculos. Pela voz do narrador entendemos os motivos que a levaram a desistir de ter uma visão nítida:

Hay que aclarar que Diana Glass es miope y que por la época del encuentro aquel con Leonora se negaba a usar anteojos. Aducía que lo poco que vale la pena de ser visto en detalle acaba acercándose a uno (o uno a la cosa) y que, por otra parte, la visión del miope no sólo tiene el privilegio de ser polisémica: además resulta incomparablemente más bella que la del humano normal (HEKER, 1996, p. 13)¹⁴.

Dessa forma, podemos verificar que a imagem obtida dos objetos, das pessoas, do mundo que a rodeia é sempre disforme, irregular, imprecisa. É através dessa visão, distorcida e polissêmica, que Leonora é construída, que a Argentina sob o julgo ditatorial é vista, e ambas, Leonora e Argentina, se constroem distantes de Diana, sempre rodeadas por uma névoa que impede que a protagonista tenha uma visão clara, fazendo com que as idealize. Só ao final do romance Diana se aproxima de ambas e as descobre tal como são. Para entender bem isso, transcrevemos um longo fragmento que parece o mais emblemático e revelador de todo o texto:

- *Lo primero que descubrí es que ya nunca voy a poder escribir esa novela.*
 - *Esa novela, hija, nunca ibas a poder escribirla de ninguna manera. Porque esa novela siempre fue la mitad de una historia. [...]*
 - *Usted no me entiende, Hertha. No se trata de lo que tengo o dejo de tener. [...] Era, no sé, era el homenaje a una generación, a los muertos de una generación que alcanzó a escuchar la campana del colegio y creyó tocar el socialismo con las manos. Y a los sobrevivientes de esa generación también, por qué no. Lo tuvimos todo, ¿se da cuenta? [...]. Demasiado para perderlo de este modo. Por eso necesitaba de una heroína, para fijar su historia como un cristal. O como un credo a pesar de todo [...] Y un buen día me topé cara a cara con la protagonista. ¿Se imagina bien la escena? [...]*
 - *Tal vez lo peor no sea eso, Hertha. Tal vez lo peor es que la mujer que me habló durante dos horas en una mesa de la Richmond nunca debió ser una desconocida para mí. [...]*
 - *Por eso ahora uso anteojos* (HEKER, 1996, p. 229 - Grifo nosso)¹⁵.

Ao enxergar com nitidez os acontecimentos, Diana passa por um esvaziamento de seus ideais, de sua vida. Já não pode continuar tendo uma visão polissêmica, distorcida e onírica de sua história, da história da Argentina. Ela tem plena consciência de que sua heroína, às margens do processo político, nunca defendeu incondicionalmente a **sua** causa nacional e, na primeira oportunidade, traiu os ideais de todo um grupo, de toda uma geração.

Ao contrário de Leonora, Diana sempre se manteve fiel a idéia de através de sua escrita, resgatar uma nacionalidade soberana, mas acima de tudo, justa e fraterna. Procurando inserir-se, por

¹⁴ É preciso esclarecer que Diana Glass é míope e que na época do encontro com Leonora se negava a usar óculos. Dizia que o pouco que vale a pena ser visto com detalhes acaba se aproximando da pessoa (ou a pessoa à coisa) e que, por outro lado, a visão do míope não só tem o privilégio de ser polissêmica: é incomparavelmente mais bela que a do ser humano normal (HEKER, 1996, p. 13).

¹⁵ - A primeira coisa que descobri é que nunca vou poder escrever esse romance. / - Esse romance filha, nunca ias poder escrever que qualquer maneira. Porque esse romance sempre foi a metade de uma história. [...] / - Você não me entende, Hertha. Não se trata do que tenho ou deixo de ter. Se trata do que queria contar. [...] Era, não sei, era uma homenagem a uma geração, aos mortos de uma geração que conseguiu escutar a campainha do colégio e acreditou que podia tocar o socialismo com as mãos. E a todos os sobreviventes dessa geração também, por que não. Tivemos tudo. Percebe? [...]. Muito para perder desse modo. Por isso, precisava de uma heroína, para fixar sua história como um cristal. Ou como uma crença apesar de tudo [...] E um dia me deparei com a protagonista. Imagina você a cena? [...] / - Talvez o pior seja isso, Hertha. **Talvez o pior é que a mulher** que falou comigo durante horas numa mesa da Richmond **nunca foi uma desconhecida para mim.** [...] / - **Por isso agora uso óculos** (HEKER, 1996, p. 229 - Grifo nosso).

meio do livro que tenta escrever, na cultura impressa, será mais uma mulher responsável em disseminar a consciência nacional.

A história que Diana pretendia contar termina no primeiro capítulo. Os argumentos para a escrita de seu livro se desfazem, se destroem. Esvaziada em seus ideais, seus objetivos e, principalmente, esvaziada da origem em que se construiu como mulher idealista e intelectual: os áureos 15 anos de suas memórias, só conseguimos perceber em seu discurso a total fragmentação de sua identidade: *“Hizo pedazos mi propia historia, se da cuenta, mi propia primavera sagrada. La destruyó para siempre”* (HEKER, 1996, p. 234)¹⁶.

É importante apontar, ainda, que Diana não passa por todo esse processo sozinha. Duas pessoas que a observam na construção da heroína Leonora lhe indicam o esvaziamento de sua história e a ajudam a pensar a sua fragmentação enquanto sujeito. Essas duas personagens, que poderiam ser vistas metaforicamente como os óculos da protagonista, são Hertha, da qual já nos referimos anteriormente, e Garita, um homossexual que promove em sua casa oficinas literárias. São esses dois que põem em xeque a história de Diana e a falta de continuidade dela.

Essas duas figuras, falando a partir de outros eixos identitários, procuram mostrar a protagonista que é na “diferença” que ela se constitui como sujeito e é, dessa forma, que deve conceber sua personagem e sua história. Garita representa essa diferença, é ele que constantemente questiona o eixo fixo que Diana quer dar a sua personagem, a si mesma. Questiona essa **Tradição** para a qual a protagonista quer sempre voltar-se na tentativa de encontrar a linearidade de sua história. Essa personagem híbrida que, como Hertha se coloca (ou é colocada) às margens da construção de uma identidade nacional una, coesa, não encontra lugar neste sistema unitarista, o qual vê a diferença como uma ameaça que precisa ser rapidamente eliminada:

[...] - ¿Dónde está Garita? - pregunta de golpe, como si algo brusco la hubiese despertado.

- Desaparecido - dice la Bechofen - No, hija, no era un héroe. [...] Ya está muerto, eso lo sé, no era de los que les caen simpáticos a estos desmadrados. [...]. Yo, al menos, aspiro a un mundo en el que Garita tenga cabida. molesto, homosexual, corrosivo, [...] Por algo así se lo llevaron, ni vale la pena contarle, no era héroe, pero esta no es un historia de héroes, hija, es una historia de sobrevivientes (HEKER, 1996, p. 233 - Grifo nosso)¹⁷

São essas vozes vindas da “diferença” que permitem à Diana esvaziada e fragmentada, entender-se e procurar seu lugar. É Diana a mulher “hecha para beberse la vida hasta el fondo de la copa”, porque *“sin embargo arde, dentro de todos nosotros, de los que estamos vivos y de los que vamos a morir, dentro de nosotros arde el deseo de la vida. Plena y compleja y contradictoria como debe ser la vida. Déjala que arda, hija, entre los intersticios del horror y contra los servidores de la muerte”* (HEKER, 1996, p. 225).

5. Qual é, afinal, o fim dessa história?

¹⁶ “Fez em pedaços minha própria história, percebe, minha primavera sagrada. A destruiu para sempre” (HEKER, 1996, p. 234).

¹⁷ [...] - Onde está Garita? - pergunta de súbito, como se algo brusco a tivesse despertado. / - Desaparecido - disse Bechofen - Não, filha, no era um herói. [...] Já está morto, isso eu sei, **não era dos que agradam a estes senhores.** [...]. **Eu, pelo menos, aspiro a um mundo no qual Garita tenha lugar. Incômodo, homossexual, corrosivo,** [...] Por algo assim o levaram, nem vale a pena contar, não era um herói, mas esta não é uma história de heróis, filha, é uma história de sobreviventes (HEKER, 1996, p. 233 - Grifo nosso)

Se tomarmos o conjunto de **El fin de la historia**, e a trajetória de Diana de um modo particular, veremos que constantemente ocorre uma tentativa de conciliar três idéias. Primeiro a construção de uma heroína nacional baseada no resgate do passado, depois a vontade de que essa heroína esteja viva e possa voltar a viver em comunidade e, por último, a idéia de escrever a história dessa heroína para perpetuar suas idéias, suas ações e para que sirva de legado as gerações futuras.

Stuart Hall afirma que:

Em seu famoso ensaio sobre o tema, Ernest Renan disse que três coisas constituem o princípio espiritual da unidade de uma nação: “[...] a posse em comum de um rico legado de memórias [...], o desejo de viver em conjunto e a vontade de perpetuar, de uma forma indivisiva, a herança que se recebeu”(Renan, 1990, p. 19). Devemos ter em mente esses três conceitos, ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional como uma “comunidade imaginada”: as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança (HALL, 2000, p. 58).

Logo, no entanto, se percebe que nenhum desses princípios se concretizará. A cultura nacional como uma comunidade imaginada, na pós-modernidade, não está mais baseada na seqüência cronológica. Ela se baseia no deslocamento, na fragmentação da identidade nacional, na diferença, refletida, neste romance, na figura fragmentada de Diana.

Não sabemos qual é o fim da história porque essa história não termina. Se “a mulher esperada nunca vai fazer, nunca quis fazer a mesma revolução que esperava a que espera”, seguirão existindo outras mulheres que, a seu modo, farão a revolução que Diana espera, que serão feitas para “beberse la vida hasta el fondo de la copa”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1]ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- [2]BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**. São Paulo: T. A. Quieroz, 1983.
- [3]FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 24^a ed. São Paulo: Vozes, 2001.
- [4]HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- [5]HEKER, Liliana. **El fin de la historia**. Buenos Aires: Alfaguara, 1996.
- [6]PRATT, Mary Louise. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. Revista **Travessia** n°. 38, Florianópolis, Curso de Pós-Graduação em Literatura/ Ed. da UFSC, jan-jul. 1999.
- [7]_____. Mulher, Literatura e Irmandade Nacional. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses; o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- [8]VÁZQUEZ, Enrique. **La última: origen, apogeo y caída de la dictadura militar**. Buenos Aires: Eudeba, 1985.